

O LUGAR DA ESCRITA NA TESSITURA LITERÁRIA DE MIA COUTO: UMA ANÁLISE DO ROMANCE A CONFISSÃO DA LEOA

Gabriella Bernardo de Souza¹

Orientador: Prof. Paulo Garcia

O meu projeto de pesquisa foi inicialmente intitulado: (Re)escrevendo tradições: a escrita enquanto elemento de reinvenção da tradição africana na tessitura literária de Mia Couto, e buscava investigar o uso da escrita como elemento de reinvenção de tradições em algumas obras do autor moçambicano. No entanto, com o desenvolvimento dos estudos desse primeiro semestre, muitas questões foram deslocadas e percebi que o foco principal da pesquisa recaía sobre a tematização da escrita e não sobre a tradição. Por isso, agora temos o título, ainda provisório: O Lugar da Escrita na tessitura literária de Mia Couto: uma análise do romance A confissão da leoa.

Alguns teóricos da Crítica Cultural foram importantes para esse processo de desconstrução e reconstrução da minha proposta de trabalho que encontra-se ainda em andamento. Derrida (2001) chama de fonocentrismo a ascendência da fala sobre a escrita, processo em que a escrita é tida como mera representação da fala, oposição que gera outra dualidade, da presença/ausência que implica ainda, a superioridade do presente sobre o passado, da natureza sobre a cultura. Tanto quanto a escrita, a fala obedece a um código preestabelecido que Derrida denomina arqui-escritura, código matriarcal abstrato que origina as diferenças geradoras do sentido, tanto na fala quanto na escrita.

Derrida possibilita a reflexão sobre qual é a posição ocupada pela escrita em sociedades que possuem fortes laços com a cultura oral, como é o caso daquelas que são retratadas nos romances de Couto, a partir de um trabalho literário que considera a dinâmica de vida das sociedades moçambicanas? Além desse questionamento, surgem outros como: Qual a posição da escrita de Couto, dentro do cenário literário? Qual a posição ocupada pelos escritores africanos de língua portuguesa na cena literária mundial?

Santiago (2000) nos faz refletir sobre o lugar da nossa cultura e da nossa literatura no campo crítico. Ele ressalta a importância de olharmos para nós mesmos, para as nossas fragilidades e tentar transformá-las em subsídios para a construção da nossa autonomia crítica. A literatura Africana de Língua Portuguesa ocupa ainda uma posição periférica em relação à literatura universal. Seus escritores buscam afirmar-se, a partir da inserção de elementos culturais de seus países, na escrita herdada do colonizador europeu. Nesse contexto, a literatura brasileira serviu de grande inspiração

¹ Mestranda em Crítica Cultural - UNEB/Campus II.

para esse trabalho literário que se deixa invadir pela dinâmica do falar cotidiano e pela tematização de costumes e tradições de seus povos.

Para Santiago (2000) elementos ideológicos como a língua devem ser apropriados pelo colonizado, mas a partir de sua inversão, de sua transgressão. Para ele, o entre-lugar do discurso latino-americano se dá justamente entre a submissão ao código e a sua transgressão. O escritor se apropria do discurso europeu para subvertê-lo, transgredi-lo, alimentá-lo com o local, transformando-o em instrumento de voz da comunidade colonizada.

Como bem pontua Amarino Queiroz (2007), Couto a exemplo de outros escritores africanos de língua portuguesa, inscreve em seus textos, renovadas, dicções ancestrais, construindo através da ficção, novos olhares africanos sobre a África e sobre o mundo. Ele questiona, reinterpreta e até mesmo reinventa fatos da história oficial, trazendo à cena, a voz de esquecidos personagens. Como ressalta o próprio autor: “[...] Através de uma linguagem reinventada com a participação dos componentes culturais africanos também nós em Angola e Moçambique procurávamos uma arte em que os excluídos pudessem participar da invenção da sua história.” (COUTO, 2011, p. 114).

No trabalho literário de Mia Couto, a escrita, objeto de dominação europeia, se veste com os mecanismos da cultura oral africana, para ser voz do colonizado. Ao “contaminar” esse código com a cultura local, faz-se predominar o hibridismo. Esse conceito desenvolvido por Bhabha delimita a construção da cultura em condições de antagonismo ou desigualdade política, onde o híbrido promove um espaço de negociação. O hibridismo encontra sua voz em uma dialética que não busca a supremacia ou a soberania cultural.

John Beverley (1997) afirma que a literatura foi uma das instituições que os europeus trouxeram consigo, entre outras como o cristianismo. Diante disso, a literatura é para a América Latina, uma instituição colonial crucial para o desenvolvimento de uma cultura autônoma e posteriormente, de uma cultura nacional, assumindo pois um caráter ambíguo. Ela propõe-se a negar o europeu e afirmar o local, usando a língua herdada desse primeiro.

Nas sociedades onde a cultura oral coexiste com a cultura escrita, torna-se quase que impossível desvinculá-la do trabalho literário. Seus escritores refletem o contexto de multiplicidade cultural que o encontro de ambas proporciona, “[...] passando para a linguagem do papel traços do que se dá pela voz, o autor recria as façanhas da oralidade, reinstalando nas suas narrativas as surpresas que surgem da conversação diária [...]” (CANIATO, 2005, p. 100). Este trabalho literário é uma tentativa de manter-se em contato com a língua do falar cotidiano, introduzindo-a em seus discursos como elemento dinâmico da narrativa. Esta estruturação linguística subverte a estrutura da

linguagem, reinventando-a, conferindo uma particularidade a estes textos. Como diz Fonseca (1996), eles reconstróem os ruídos que podem ser silenciados pela escrita.

Em Moçambique, a escrita em língua portuguesa é um elemento ambíguo, que passou de arma de opressão do colonizador a instrumento de voz do colonizado e que enquanto arte literária se vê subjugada pelo prestígio da cultura oral ao mesmo tempo em que se apresenta como auxiliar para a perpetuação dos saberes outrora transmitidos apenas através da oralidade. Discussões sobre a escrita, o lugar da literatura e o papel do escritor são recorrentes nas obras do moçambicano Mia Couto.

Ao tematizar a escrita em suas obras, Couto busca uma conciliação entre as culturas escrita e oral, tentando chamar a atenção para o fato delas terem muito a contribuir uma com a outra e é também uma forma de legitimar o papel do escritor na sociedade moçambicana, fortemente marcada pelo respeito aos griôs e aos mais velhos, perpetuadores da cultura oral. Segundo Amarino Oliveira de Queiroz, griot é:

Vocábulo difundido a partir da África de colonização francesa, griot seria o termo genérico aplicado àqueles artistas especializados em perpetuar a memória cultural de suas coletividades recorrendo à história, à genealogia, à tradição e a um exercício performático que se apóia em manifestações diversas como o canto falado, a poesia, as narrativas orais, a encenação, a música, a mímica e a dança (QUEIROZ, 2007, p. 42).

Por isso, faz-se necessário refletir sobre a posição ocupada pela escrita e conseqüentemente, sobre o lugar ocupado pelo escritor em uma sociedade tradicionalmente oral. Para o desenvolvimento de tal pesquisa, pretende-se partir da análise do romance *A confissão da leoa*. Nesse livro, a escrita surge como um instrumento de voz dos sujeitos que são colocados à margem dentro de suas comunidades, além de apresenta-se contaminada pela poesia e pela cultura oral, porque o autor que não é ancestralmente ligado à tradição oral, busca promover uma legitimidade da cultura escrita, bem como, do escritor e da literatura na sociedade moçambicana. A escrita passa de instrumento de dominação colonial a veículo de voz do colonizado.

O livro *A confissão da leoa* conta a história da aldeia de Kulumani, que vivia ameaçada por ataques de leões. Ele é dividido em 16 partes, em que se intercalam a “Versão de Mariamar” e o “Diário do caçador”. A primeira narração é feminina e dá conta da visão local dos fatos, cheia de enigmas e crenças, além de denunciar os crimes e abusos cometidos contra as mulheres. Na segunda trama, temos um narrador masculino, consciente dos fatos, que escreve no intuito de tornar-se um escritor. As duas versões da história costuradas supostamente pelo narrador dos diários se complementam.

Além de Mariamar e do caçador Arcanjo Baleiro, há ainda a figura do escritor Gustavo, que acompanhava as caçadas de Arcanjo com o intuito de fazer a grande reportagem da captura e morte dos leões. Ele também escreve sobre o mistério dos leões de Kulumani, mas Couto escolhe como narradores de seu romance o caçador e a aldeã, como uma forma de conferir autenticidade ao seu relato. Por meio de seus narradores, ele confere voz ao povo moçambicano, a suposta autoridade do escritor é anulada em detrimento da fala daqueles que tem na escrita um refugio e um instrumento de voz, uma vez que Mariamar enquanto mulher jamais poderia ser uma narradora em sua aldeia e Arcanjo, pertencente a uma tradicional casta de caçadores até deveria dominar a arte de contar histórias, mas não deveria manejar uma caneta melhor do que manejava sua espingarda.

Inicialmente, penso como objetivos desse trabalho uma análise da referida obra, buscando compreender o lugar ocupado pela escrita na sociedade moçambicana, bem como, a posição do escritor diante de uma comunidade tradicionalmente oral, tentando mapear as estratégias narrativas utilizadas pelo autor.

A escrita aparece no referido romance como instrumento de voz daqueles que de alguma forma, são excluídos socialmente, da mesma forma, que os que a exercem são olhados sempre com desconfiança. Mariamar e Rolando são considerados loucos, o escritor é quase um estrangeiro em seu próprio país e arcanjo perde suas habilidades de caçador ao aprimora-se como narrador. Isso demonstra a posição marginal ocupada pela escrita na sociedade moçambicana, tradicionalmente dominada pela cultura oral.

Essas são as discussões iniciais dessa pesquisa de cunho bibliográfico, que pretende tecer discussões sobre a tematização da escrita na literatura tecida por Mia Couto com a língua europeia, mas sempre permeada por questões da terra, que fazem de sua escrita um terreno fértil para as questões que dizem respeito ao trabalho literário em solo africano.

REFERÊNCIAS

BEVERLEY, John. "Por Lacan": da literatura aos estudos culturais. *Travessia Revista de Literatura*. Florianópolis: UFSC, n. 29/30, ago 1994 /jul 1995, 1997. p. 11-42.

BHABA, Homi. O entrelugar das culturas. In: BHABA, Homi. *O bazar global e o clube dos cavalheiros ingleses*. Eduardo Coutinho (Org.). Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

CANIATO, Benilde Justo. *Percursos pela África e por Macau*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2005.

COUTO, Mia. *A confissão da leoa*. São Paulo: Cia das Letras, 2012.

COUTO, Mia. *E se Obama fosse africano?: e outras interinvenções*. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

DERRIDA, Jacques. Semiologia e gramatologia. Entrevista a Julia Kristeva. In: *Posições*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FONSECA, Maria N. *Percursos da memória em textos das literaturas africanas de língua portuguesa*. Gragoatá. n. 1. Niterói: EDUFF, jul/dez 1996.

QUEIROZ; Amarino Oliveira de. *As Inscrituras do Verbo: dizibilidades performáticas da palavra poética africana*. Recife: Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. CAC. Teoria da Literatura, 2007.

SANTIAGO, Silvano. *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

SANTIAGO, Silvano. A Democratização no Brasil (1979-1981): Cultura versus Arte. In: *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

